

## A SEMANA – 91

John Gledson

Esta crônica, curta mas difícil, volta a tratar alguns dos temas presentes na crônica de 1º de janeiro: em particular, nos leva a uma melhor compreensão de uma frase dela – “a sistematização do mal”. Ela não se explica se não entendermos a palavra “broquéis”, na primeira frase, no contexto em que o cronista e os seus leitores a teriam entendido. Não pode haver dúvida de que Machado se refere ao livro desse título de João da Cruz e Souza, publicado em agosto de 1893, e que criou escândalo na imprensa, pelo seu tom violento e atormentado, de “decadentismo” sexual, e pelo seu vocabulário rarefeito. Machado podia ser experimental na sua ficção, mas, para ele, como para muitos outros, isto era anarquismo literário. O crítico Araripe Júnior, por exemplo, um dos melhores e mais conceituados da época, no seu “Retrospecto literário de 1893” na *Gazeta de Notícias*, trata do livro na seção “O anarquismo e a literatura”. O livro foi também cruelmente parodiado, num tom de racismo aberto.

É isto que explica a equivalência de “broquéis” e “dinamite” na frase de abertura, as referências aos “maus versos” no primeiro parágrafo, e ao caos gramatical no segundo (a dinamite era indefectivelmente associada ao anarquismo). O significado da palavra “broquéis”, porém, uma espécie de escudo antigo – mencionado na crônica de 18 de março, no contexto da *Ilíada* – leva a um argumento mais profundo: os escudos e a dinamite fazem parte de um mesmo processo sinistro, em que uma nova forma de resistência leva a uma nova forma de ataque, que por sua vez leva a uma nova forma de resistência, e assim *ad infinitum*. É uma visão profundamente pessimista da história humana, oposta, claro, a qualquer utopia ou “progresso” inevitável.

Com efeito, o argumento é tão pessimista (e circular) que Machado se interrompe para falar de realidades mais “triviais”, seu próprio mau humor, e o tempo. Nascido no dia 21 de junho, ele sempre se viu como um “filho do frio”: mas nem pensar no frio anima. O ano em perspectiva traz pouca esperança; em março virá o frio, talvez, mas junho trará as mesmas óperas de sempre.

Virão também as eleições, justamente nos idos de março, de augúrios funestos. Eram, apesar de tudo, importantíssimas: a eleição do primeiro presidente civil da República. O dia 1º de março era o dia fixado pela Constituição para as eleições, o que

dava pouquíssimo tempo (para nem falar no estado de sítio) para que os candidatos expusessem qualquer programa. No último parágrafo, Machado pede aos políticos, os chefes dos partidos ou facções, que digam aos eleitores o que tencionam fazer, em vez de colocar anúncios nos jornais e insultar-se mutuamente nos apedidos, “à maneira da terra”. Em vários editoriais dessa semana, a *Gazeta* pedira a mesma coisa. Isto faz parte do desejo de Machado de que fosse restabelecido um sistema parlamentar, com partidos organizados, tal como tinha existido – com muitas imperfeições, é verdade – no Império. Mas ele sabe que nada disso acontecerá.

É curioso, e não será coincidência, que, imediatamente a seguir, na mesma coluna, haja uma manchete: A DINAMITE. Aí vem uma carta de Euclides da Cunha, então com 28 anos, denunciando o senador florianista do Ceará, João Cordeiro. Este propusera, em vingança a uma (suposta) tentativa de atentado dos revoltosos nas oficinas do jornal *O Tempo*, florianista (tentativa referida na segunda frase desta crônica – “aqui mesmo houve tentativa de uma”), que entrassem nas prisões onde estavam presos os “inimigos” do regime, e matassem todos. Logo depois vem um comentário da *Gazeta*, aprovando “nosso jovem amigo”. Os dois autores, em certo sentido, estão combatendo a intensificação circular da briga, durante a Revolta da Armada – Machado num nível mais abstrato, podíamos também dizer mais precavido. Euclides foi exilado, removendo-se para Campanha, Minas Gerais (em Minas, não havia estado de sítio, e o estado se tornou “a meca dos exilados e perseguidos pela mão de ferro do marechal” (ver nota 3 à carta 291 na *Correspondência de Machado de Assis*, III).



## A SEMANA

18 de fevereiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Há uma leva de broquéis, vulgo dinamite, que parece querer marcar este final de século. De toda a parte vieram esta semana notícias de explosões, e aqui mesmo houve tentativa de uma.<sup>1</sup> Digam-me que paz de espírito pode ter um pobre historiador de coisas leves, para quem a pólvora devia ser, como os maus versos, o termo das cogitações destrutivas. Inventou-se, porém, maior resistência, e daí o maior ataque, naturalmente, a pólvora sem fumaça, o torpedo,<sup>2</sup> a dinamite; mas, que diabo! basta-lhes a guerra, como necessidade que é da vida universal. A paz universal, esse belo sonho de almas pias e vadias, seria a dissolução final das coisas. Façamos guerra, mas fiquemos nela.

Talvez haja nisso um pouco de rabugem – e outro pouco de injustiça. A anarquia pode acabar sendo uma necessidade política e social, e o melhor dos governos humanos, aquele que dispensa os outros. Voltaremos ao paraíso terrestre, sem a serpente, e com todas as frutas. Adão e Eva dormirão as noites, passearão as tardes; Caim e Abel escreverão um jornal sem ortografia nem sintaxe, porque a anarquia social e política haverá sido precedida pela da língua. Antes do último ministro terá expirado o derradeiro gramático. Os adjetivos ganharão o resto de liberdade que lhes falta. Muitos que viviam atrelados a substantivos certos, não terão agora nenhum, e poderão descer a preposições, a artigos.

Há de ser rabugem, creio. Acordei hoje mal disposto. Sei que nada tendes com disposições más nem boas, quereis a obrigação cumprida, e, se estou doente, que me meta na cama. Que me meta na cova, se estou morto. Não, a cova há de ser quente como trinta mil diabos. A terra fria que tem de me comer os ossos, segundo a fórmula, não será tão fria, neste tempo em que tudo arde. Lá mesmo o verão me flagelará com o seu açoite de chamas. Certo, este final de semana é menos quente que os primeiros dias,

---

<sup>1</sup> Houvera uma tentativa de explosão nas oficinas de *O Tempo*, jornal florianista.

<sup>2</sup> O torpedo, como se conhece modernamente, foi inventado nos anos 1860, e cresceu em poder ao longo do resto do século, espalhando-se pelo mundo afora. Não é preciso sublinhar a sua importância nos acontecimentos que ocorriam na baía.

graças à chuva de quinta-feira; mas esse dia enganou-me. Pelo ar brusco, pela carga de nuvens, tive esperanças de mais oito de grandes águas, e não vieram grandes nem pequenas. Eis aí explicada a minha rabugem.

Já uma vez disse, e ora o repito: não nasci para os estos do verão.<sup>3</sup> Quem me quiser, é com invernos. Deus, se eu lhe merecesse alguma coisa, diria ao estio de cada ano: “Vai, estio, faze arder a tudo e a todos, menos o meu fiel servo, o semanista da *Gazeta*, não tanto pelas virtudes que o adornam e são dignas de apreço particular, como porque lhe dói suar e bufar, e os seus padecimentos afligiriam ao próprio céu.” Mas Deus gosta de parecer, às vezes, injusto. Essa exceção, que não faria a mais ninguém, para não vulgar o benefício, mostraria ainda uma vez um ato de alta justiça divina. A exceção só é odiosa para os outros; em si mesma é necessária.

A terra é quente. Lá mesmo haverá epidemias, que não sabemos, e um subobituário, mais numeroso que o obituário destes dias. É a nossa enfatuação de vivos que nos leva a crer que só há calamidades para nós; também os mortos terão as suas, acomodadas ao estado. Nem o purgatório significa outra coisa senão as doenças de que os mortos podem sarar e saram. O inferno é um hospício de incuráveis. Raros, bem raros, cinco por século, subirão logo para o céu.

O que me consola um pouco, é que em outras partes estão morrendo de frio. A certeza de que, quando eu bufo aqui e corro a comprar gelo, morre alguém na Noruega, por havê-lo de graça, ajuda a suportar o calor. Não é preciso o botão<sup>4</sup> de Diderot;<sup>5</sup> não fica na alma essa sombra de sombra de remorso, que pode trazer a ideia de haver apunhalado diretamente, ainda que de longe, uma pessoa. A certeza basta, e sem interesse pecuniário, note-se bem. É o que o povo formulou, dizendo que o mal de muitos consolo é. Expirai às mãos de vossa mãe, filhos da neve, enquanto os filhos do sol aqui morremos às mãos do nosso grande pai.

Que isto não seja pio, creio; mas é verdade. É o que começa a pôr uma nota doce na cara tétrica e feroz com que me levantei hoje da cama. Assim o diz o espelho. Realmente, se tanto se morre ao frio como ao sol, não vale a pena deixar este clima; tudo é morrer, poupemos a viagem. Deixai correr os dias, até que o equinócio de março traga outros ares, maio outros legisladores, julho e agosto outras óperas, porque os *Huguenotes* já começam a afligir-nos.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Pode ser que se refira à crônica 76 de “A Semana”, de 1º de outubro de 1893; lá diz: “Eu adoro o frio, nasci no próprio dia em que o nosso inverno começa”.

<sup>4</sup> No jornal está “balão”, descuido do revisor já notado por Aurélio.

<sup>5</sup> Esta referência ao botão de Diderot, que, apertado na França, matava um homem na China, parece que está errada, e que o botão não se encontra nas obras desse autor. A ideia é recorrente na literatura do séc. XIX, um dos casos mais famosos sendo *O mandarim*, de Eça de Queirós. Machado incorre no mesmo “erro” na crônica de 22 de janeiro de 1893. Raimundo Magalhães Júnior dá outros exemplos no ensaio “O deturpador de citações”, em *Machado de Assis desconhecido*, p. 233-234.

<sup>6</sup> *Les Huguenots* (1836), de Giacomo Meyerbeer (1791-1864), uma das óperas mais aparatosas do séc. XIX, e talvez a mais popular.

Digo isto de passagem, como um aviso aos empresários líricos; não nos<sup>7</sup> amofineis com *Huguenotes*. Eles já vão orçando pela *Favorita*.<sup>8</sup> Esse par de muletas que ajudaram o bom Ferrari a levar esta vida, ameaçam deixar o coxo na rua.<sup>9</sup> *Il nous faut du nouveau, n'en fût-il plus au monde*.<sup>10</sup> Sempre há de haver por esse mundo uma *Cavalleria rusticana* inédita.<sup>11</sup>

Antes dos legisladores, vêm as eleições, que chegam ainda antes do equinócio. Vêm com os idos de março.<sup>12</sup> Há já candidatos, mas não se sabe ainda quais os candidatos recomendados pelos chefes. Aparecem nomes nos *A pedidos*, à maneira da terra; mas o ato é tão solene e a ocasião tão grave, que podíamos mudar de processo. Que os chefes digam, que os jornais repitam o que disserem os chefes, para que os eleitores saibam o que devem fazer; sem o quê é provável que não façam nada... Deus de misericórdia! Creio que estou ainda mais lúgubre que no princípio; tornemos à morte, às febres, à dinamite; tornemos aos cemitérios, aos epitáfios:

AQUI JAZ  
UMA CRÔNICA DA SEMANA  
TRISTÍSSIMA,  
BREVÍSSIMA.<sup>13</sup>  
ORAI POR ELA!



---

<sup>7</sup> No jornal está “vos”, leitura que Aurélio aceita; mas esta leitura faz mais sentido, e “n” e “v” são facilmente confundíveis.

<sup>8</sup> *La Favorita* (1840), ópera de Donizetti (1797-1848). Em 1854, Alencar já falava da sua popularidade, na primeira crônica de “Ao correr da pena”.

<sup>9</sup> A Companhia Lírica Italiana, de A. Ferrari, fazia sempre uma temporada de ópera no Rio entre maio e julho.

<sup>10</sup> “Precisamos de novidade, mesmo não a havendo mais neste mundo”. Citação de *Clymène*, peça de La Fontaine (1621-1675). No original: “*Il me faut du nouveau, n'en fût-il point au monde*”.

<sup>11</sup> *Cavalleria rusticana* (1890), ópera de Pietro Mascagni (1863-1945), recente na época, e muito popular até hoje.

<sup>12</sup> As eleições para presidente e vice-presidente, e para a câmara e senado, estavam fixadas para 1º de março; a escolha de Prudente de Moraes só seria divulgada no dia 22 de junho, embora a sua vitória fosse certa.

<sup>13</sup> Na *Gazeta* há vírgula aqui, em vez de ponto final. Optou-se pela lição de Aurélio, que faz mais sentido.